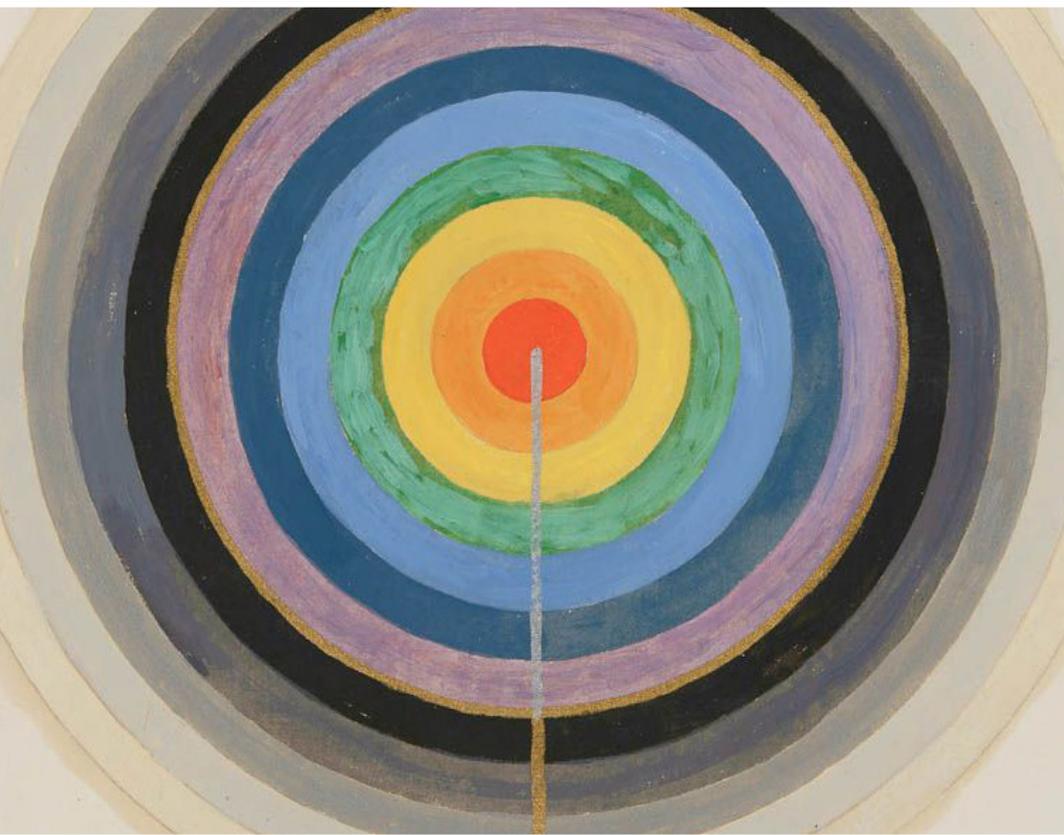


Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 318 • vol. 19 • 2021



Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios

Matteo Raschiatti



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos
IHU *ideias*

**Mestre Eckhart: Deus se faz presente
enquanto ausência de imagens e de
privilégios**

Matteo Raschietti

Doutor em Filosofia pela Universidade de Campinas e
professor na Universidade Federal do ABC - UFABC

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 318 • vol. 19 • 2021



Resumo:

Mestre Eckhart foi um frade dominicano (Ordem dos Pregadores) alemão que viveu entre os séculos XIII e XIV. Após ter ocupado cargos de primeiro plano na sua Ordem e lecionado na Universidade de Paris por duas vezes, sofreu um processo por heresia que o bispo de Colônia (instigado pela denúncia de dois confrades de Eckhart) instaurou contra ele. De nada adiantou a apelação que fez ao Papa João XXII em Avinhão e, em 1329, a bula *In agro domínico* o condenou como herege. Apesar disso, ele se tornou conhecido como teólogo de renome, pregador incansável, místico especulativo sem par. Há estudiosos, entretanto, que questionam esse último aspecto do Dominicano alemão tachando-o de “mito historiográfico”, assim como o fenômeno da “mística renana”, que seria o movimento que se originou a partir da influência de Alberto Magno e do *Studium generale* de Colônia. Este artigo tenta apresentar, em primeiro lugar, o pensamento místico de Mestre Eckhart através de uma breve análise dos seus escritos; em segundo lugar, procura descobrir se sua vida e seu exemplo têm algo a nos ensinar hoje, no Brasil, no meio da pandemia da Covid-19; enfim, vislumbra a possibilidade de um discurso sobre Deus hoje através do qual Ele se torna conhecido enquanto ausência de imagens e de privilégios, e o ser humano, por sua vez, se descobre como um ser aberto ao infinito enquanto acolhe essa ausência e experimenta esse não conhecimento.

Palavras-chave: Mestre Eckhart; mística; essência; desprendimento; imagem.

Abstract:

Master Eckhart was a German Dominican friar who lived between the 13th and 14th centuries. After occupying leading positions in his Order and teaching at the University of Paris twice, he underwent a process for heresy that the Bishop of Cologne (instigated by the denunciation of two Eckhart confreres) instituted against him. The appeal he made to Pope John XXII in Avignon was of no use and, in 1329, the bull *In agro domínico* condemned him as a heretic. In spite of this, he became known as a renowned theologian, tireless preacher, an unparalleled speculative mystic. There are scholars, however, who question this last aspect of the German Dominican, calling it a “historiographical myth”, as well as the phenomenon of “German mysticism”, which would be the movement originated from

the influence of Albert the Great and Studium generale of Cologne. This article attempts to present, in the first place, Master Eckhart's mystical thinking through a brief analysis of his writings; secondly, he seeks to find out if his life and his example have anything to teach us today, in Brazil, in the midst of the Covid-19 pandemic; in third place, a discourse about God today is envisaged, through which He becomes known as the absence of images and privileges, and the human being, in turn, discovers himself as a being open to the infinite while embracing that absence and experiencing this nonknowledge.

Keywords: Master Eckhart; mysticism; essence; detachment; image.

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIX – Nº 318 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Reprodução da obra "Starting Point", 1920 de Hilma af Klint | Divulgação Hilma af Klint Foundation

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . . . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

MESTRE ECKHART: DEUS SE FAZ PRESENTE ENQUANTO AUSÊNCIA DE IMAGENS E DE PRIVILÉGIOS

Matteo Raschetti

Doutor em Filosofia pela Universidade de Campinas e
professor na Universidade Federal do ABC - UFABC

Introdução

A palavra mística é de origem grega e na sua raiz se encontra o verbo *mýein* que indica o ato de fechar, aliás de entreabrir, os órgãos dos sentidos. Ligada ao conceito religioso arcaico de “mistério”, indicava uma dimensão não tanto misteriosa quanto iniciática, reservada àqueles que tinham sido adequadamente instruídos, inclusive por um processo de purificação. Na Idade Média o uso da palavra mística como substantivo não é comprovado, embora seja possível encontrar raros exemplos de emprego como adjetivo. Nesse caso, “místico” tem a ver com secreto, misterioso, de forma bastante próxima ao significado do mundo grego clássico. Mas aqueles que são considerados grandes místicos medievais – sejam eles homens ou mulheres, religiosos ou leigos – utilizaram muito raramente esse termo, e sempre como adjetivo. Eles, portanto, nunca tiveram consciência de si mesmos como místicos.

Mestre Eckhart, teólogo, pregador e místico, foi um frade dominicano alemão que viveu entre 1260 e 1328 ca. Enviado várias vezes à Universidade de Paris (em 1293-94 em qualidade de *lector sententiarum*, em 1302-1303 e, em 1311-1313, como *magister sacrae theologiae*), ocupou cargos de primeiro plano na ordem (prior de Erfurt, vigário geral da Turíngia, provincial da Saxônia, vigário geral da Boêmia, vigário geral da Teu-

tônia) e desenvolveu uma atividade intensa como pregador, através da qual entrou em contato com os movimentos populares da sua época (que eram hostilizados pela hierarquia eclesiástica). Em 1314 foi enviado a Estrasburgo e, dez anos mais tarde, a Colônia, no Studium generale fundado por Alberto Magno, de quem recebeu uma forte influência neoplatônica, mediada pelo Pseudo-Dionísio Areopagita. A brilhante carreira foi interrompida improvisamente pelo processo por heresia que o bispo de Colônia empreendeu contra ele, a partir de uma denúncia feita por alguns confrades (que Eckhart chamou de *aemuli*, invejosos), que pinçaram algumas frases das suas obras em latim e em alemão e que, descontextualizadas, pareciam ter um sentido herético. Desfecho disso foi a bula de condenação *In agro dominico* de 27 de Março de 1329 (após a morte de Eckhart, ocorrida provavelmente na primavera do ano anterior), assinada pelo papa João XXII, o mesmo que seis anos antes canonizara Tomás de Aquino (1323). O peso da condenação papal influenciou na circulação de suas obras, que chegaram até os dias de hoje de maneira fragmentada; apesar disso, elas alimentaram uma tradição submersa e eficaz que perpassou os séculos e, desde o começo, se estendeu além das fronteiras da área alemã.

Uma pergunta que não quer calar: é correto afirmar que ele foi, antes de tudo, um místico? Há uma divergência entre os estudiosos hoje: para alguns se trata de um “mito historiográfico”, assim como ao movimento chamado “mística renana”. Segundo o medievalista suíço Kurt Ruh, autor de uma obra sobre o mestre dominicano que constitui um marco na literatura (e que neste ano completa 30 anos da sua primeira edição)¹, além de uma monumental História da Mística Ocidental em quatro volumes²,

essa pergunta tem origem na obra latina, mas desta se pode afirmar que é orientada metafisicamente. Isto vale também para os comentários da Bíblia, enquanto exegese que acompanha a pregação, pela sua específica intentio. Sendo que assim o ‘místico’ Eckhart fica limitado à obra em língua alemã, alguém acreditou ser possível reconduzir o ‘místico’ Eckhart às ‘categorias literárias, da germanística’, onde ambos os adjetivos, ‘literário’ e ‘germanístico’, são carregados de significado³.

A palavra mística, por sua vez, pode dar azo a uma espécie de censura historiográfica na medida em que é contraposta à escolástica, considerada por alguns a expressão dominante e mais desenvolvida do pensa-

1 RUH, Kurt. *Meister Eckhart. Theologe, Prediger, Mystiker*. München: C. H. Beck, 1985. Aqui foi utilizada a tradução italiana: *Meister Eckhart. Teologo, Predicatore, Místico*. Brescia: Morcelliana, 2a ed., 1989. Tradução nossa.

2 Id.. *Geschichte der abendländischen Mystik*. 4 Bände, C. H. Beck, München 1990-1999.

3 Idem, p. 287.

mento medieval. Esta forma de pensar, além de não fazer jus à complexidade da realidade medieval, contribuiu para alimentar uma interpretação minimalista de Eckhart como um escolástico medíocre, ou como expressão de um pensamento nacional alemão cujo surgimento coincidiu com o fim da escolástica.

A finalidade deste artigo é, em primeiro lugar, tentar responder à pergunta acima através de uma breve análise dos escritos do dominicano alemão; em segundo lugar, procurar descobrir se sua vida e seu exemplo têm algo a nos ensinar hoje, no Brasil, no meio da pandemia da Covid-19; enfim, vislumbrar se é possível um discurso sobre Deus que não seja apenas vazio e sem referencial ou, pior, enganoso e interessado em defender privilégios e projetos políticos nefastos e antievangélicos.

Sapida scientia

A pessoa e a obra de Mestre Eckhart representam um caso raro de imbricação⁴ e síntese feliz entre filosofia, teologia e mística. Para delinear os traços essenciais da mística eckhartiana faz-se mister procurar aquela sapiência que, como diz a etimologia da palavra, é *sapida scientia*, um conhecimento tão rico de sabor que faz saborear de antemão as delícias das coisas eternas.

É o próprio mestre dominicano que fala da *sapida scientia* num sermão acadêmico proferido em Paris no dia 28 de agosto de 1302 (ou 1303), em ocasião da festa de Santo Agostinho, a partir da citação do livro do Eclesiástico *Vas auri solidum ornatum omni lapide pretioso*⁵ (Como um vaso de ouro maciço, ornado de toda espécie de pedra preciosa, Eclo 50,10). O turíngio, com suas palavras, celebra o santo pela “abundância de sapiência e de ciência reunidas sob vários aspectos” (*multitudine sapientiae et scientiae sub diversis habitibus collectae*).⁶ Falando de *sapientia* e de *scientia*, Eckhart se refere às faculdades do homem que, para o Bispo de Hipona, são as mais nobres, ou seja, as faculdades intelectuais: uma, a *scientia*, orientada ao conhecimento enquanto tal, e outra, a *sapida scientia*, orientada à visão das coisas eternas, como um conhecimento saboroso que, às vezes, introduz no homem um desejo profundo (quasi

4 Segundo o dicionário Houaiss, imbricação é a “disposição de folhas de plantas, de escamas de peixes ou de quaisquer objetos reunidos de tal forma que se sobreponham em partes uns aos outros, como as telhas de um telhado”. Cf. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Manaus: ed. Objetiva, 2000

5 MEISTER ECKHART. *Werke II - Predigten und Traktaten*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008, pp. 556-569.

6 Idem, p. 556.

sapida scientia, quae aliquando intromittit hominem in affectum multum)⁷. Essas duas faculdades, conjugadas na etimologia de sapientia, sapida scientia, encontram-se unidas intimamente na mística de Mestre Eckhart: ele foi teólogo de renome e, ao mesmo tempo, mestre de espiritualidade. Nas suas obras, entretanto, ele nunca fala da experiência mística. Alguns concluíram, portanto, que a sua seria uma “mística do espírito” e não uma cognitio Dei experimentalis, conforme a expressão indicada por Boaventura de Bagnoregio. Só que a simples ausência de um discurso sobre a mística não pode constituir uma prova contra ela ou, paradoxalmente, a favor dela (pelo fato de ser uma experiência inefável).

Seja como for, o turingio pertencia à ordem dos Pregadores, uma ordem de frades pobres e estudiosos que, segundo as intenções de seu fundador Domingos de Gusmão, contemporâneo de Francisco de Assis, deviam pregar a doutrina cristã não só com palavras, mas também com o exemplo de vida, sem as suspeitas de interesses materiais. Assim Mestre Eckhart pregou o nascimento do logos no fundo da alma, o desprendimento, a liberdade infinita do pobre no espírito, a bondade e a justiça divinas, a doutrina do ser humano imagem de Deus, e fez isso num modo enfático e carismático, o que deixa pressupor experiências místicas pessoais que ele, entretanto, silenciou. Se uma das características da mística é a capacidade de sentir e pregar in via (isto é, na vida terrena) as realidades eternas alcançáveis plenamente in patria (isto é, na vida eterna) sem perder o horizonte da temporalidade, a vivência de Mestre Eckhart pode ser muito bem chamada de mística. Com efeito, Johannes Tauler, que conviveu com ele e se tornou seu discípulo, no sermão Clarifica me, Pater (n. 15, Glorifica-me, ó Pai), assim descreveu como o mestre foi visto na sua época e de que maneira seu pensamento foi julgado:

Sobre isso, assim ensina um amável mestre, mas vós não o entendeis. Ele falava do ponto de vista da eternidade, mas vós o interpretastes segundo a temporalidade. [...] Um nobre mestre falou sobre esse pensamento, sem indicação e sem caminhos pré-determinados (para alcançar a verdade suprema). Muitas pessoas entendem isso segundo o modo dos sentidos exteriores e se tornam homens envenenados, e por isso é cem vezes melhor que eles cheguem lá com indicações e caminhos pré-determinados.⁸

Individuamos três características da mística de Eckhart, a saber: a mística do Ser (essência), a mística do Não Ter (desprendimento) e a mística do Ser e do Não Ter (imagem sem imagem).

7 Idem, p. 562.

8 TAULER, Johannes. Predigten. Band I. Einsiedeln-Trier: Johannes Verlag, 1987, pp.100-107. Tradução nossa.

A mística do Ser (essentia)

Mestre Eckhart recupera e valoriza a doutrina da interioridade agostiniana como retorno da alma em si mesma, no seu “fundo” e “castelo”, onde ela se descobre como o lugar do nascimento eterno do logos e da identidade com Deus. Com uma linguagem extremamente rica e fascinante, o turingio explora num modo inédito a essência daquilo que é mais elevado na alma, seu espírito mais íntimo e profundo, a “centelha” na qual se encontra o Uno, a Deidade, Deus.

No Sermão alemão nº. 1 (Jesus entrou no templo e começou a expulsar aqueles que vendiam e compravam, Mt 21,12), o dominicano alemão lança mão da imagem do templo como lugar da alma onde se dá a união entre Deus e o homem:

Lemos no santo evangelho que Nosso Senhor entrou no templo e expulsou os que ali compravam e vendiam; e disse aos outros que ofereciam em pechincha pombas e coisas parecidas: “Levai isso embora, retirai-o para longe!” (Jo 2,16). Por que Jesus expulsou os que compravam e vendiam, e aos que ofereciam pombas apenas ordenou que esvaziassem o lugar? É que, em tudo isso, a sua única exclusiva intenção era querer ter o templo vazio, justamente como quisesse dizer: “Tenho direito sobre esse templo, e nele quero estar só e reinar”.⁹

O mestre dominicano afirma que a igualdade entre o ser humano e Deus, revelada no livro do Gênesis, é alicerçada na propriedade comum de estar vazio e só enquanto o templo (ou seja, a alma) for vazio, pode ser igual e semelhante a Deus. A essência do ser humano, segundo Eckhart, qualifica-se como aquele lugar onde Deus pode dominar absoluta e exclusivamente na medida em que o ser humano se torna vazio, ou seja, renuncia a si mesmo. Esse tornar-se vazio, contudo, não acontece do dia para noite: este é um processo que faz com que o ser humano se liberte, progressiva e gradualmente, daquilo que é alheio à sua verdadeira natureza. Com efeito, em si ele não é nem vazio e nem livre, parecendo-se mais com “as pessoas que compravam e vendiam no templo”:

Pois, atenção! Quem eram as pessoas que lá compravam e vendiam, e quem são elas ainda? Escutai, pois, com muita precisão! Agora, sem exceção, quero pregar, falando somente de boas pessoas. Desta vez, porém, quero mostrar quem eram e quem são ainda <hoje> aqueles que assim compravam e que ainda o fazem, esse que Nosso Senhor enxotou e expulsou. E isso Ele o faz sempre ainda a

9 MESTRE ECKHART. Sermões Alemães. Vol. I. Sermões 1 a 60. Bragança Paulista/Petrópolis: Ed. São Francisco – Vozes, 2006, p. 39.

todos que compram e vendem, ali nesse templo. Desses, não quer deixar nenhum, nem sequer um único, ali dentro. Vede, mercadores são todos eles, todos que se guardam contra pecadores grosseiros, que gostariam de ser boas pessoas e que praticam suas boas obras para a honra de Deus, como jejuar, vigiar, rezar e toda a sorte de semelhantes boas obras, e o fazem, no entanto, a fim de que Nosso Senhor lhes dê algo em troca ou que Deus lhes faça algo que seja do agrado deles: todos esses são mercadores.¹⁰

A expulsão dos vendedores do templo representa a condição comum de todos aqueles que se esforçam para realizar o bem na esperança de obter de Deus algo em troca: este é, para Eckhart, o maior erro, pois quem faz assim não se dá conta de que suas ações são baseadas em pressupostos falsos e enganosos, querendo oferecer a Deus uma bondade que não lhe pertence. Tudo o que há de bom no ser humano, afirma o turingio, não vem dele, mas de Deus; mais do que isso: tudo o que o ser humano é essencialmente, e tudo o que ele possui, vem de Deus. Os vendedores sempre operam para uma finalidade, não por amor, e isso é incompatível com a nobreza do templo, ou seja, da alma do ser humano criada à imagem e semelhança de Deus.

Falei também, além disso, que Nosso Senhor disse aos que ali ofereciam pombas: “Levai isso embora, retirai-o para longe!” A essa gente, Nosso Senhor não escorraçou, nem repreendeu muito, mas falou-lhe até com bondade: “Levai isso embora!”, como se quisesse dizer: “Isso <certamente> não é mau, mas impede a pura verdade”. Toda essa gente são boas pessoas, fazem suas obras puramente só por causa de Deus e nisso nada buscam do que é seu, e, no entanto, fazem-nas com e por vontade própria, ligadas a tempo e a número, a antes e depois. Nessas obras, essas pessoas estão impedidas <de alcançar> da melhor de todas as verdades, a saber, que elas deveriam ser livres e soltas como Nosso Senhor Jesus Cristo é livre e solto, e todo tempo, sem cessar e sem tempo, se concebe novo de seu Pai celeste, e no mesmo instante, sem cessar, perfeitamente de novo, gera a si com louvor e gratidão, para dentro da sublimidade do Pai, em igual dignidade.¹¹

As pombas não são uma parte essencial do templo e, portanto, devem ser retiradas. Como aqueles que ofereciam pombas, também os seres humanos devem retirar aquilo que perturba o sossego do templo que está neles, ou seja, devem renunciar às suas determinações de criaturas que Eckhart, nas obras em alemão, denomina com o termo *Eigenschaft* (propriedade), e nas obras latinas com o termo neutro *proprium*. Na reali-

10 Idem, p. 40.

11 Idem, pp. 41-42.

dade, o proprium ou Eigenschaft em si não é negativo, como o mestre dominicano ressalta na sua referência às pombas. Mas do ponto de vista do templo, tudo aquilo que pertence ao horizonte da criatura esconde e obscurece o verdadeiro fundamento do ser humano. A essência do ser humano, com efeito, não consiste apenas na sua Eigenschaft, na sua determinação espaço-temporal, mas no fato de ser livre e criado à imagem de Deus.

Em plena verdade: a esse templo ninguém é realmente igual a não ser somente o Deus incriado. Tudo que está abaixo dos anjos não se iguala, de modo algum, a esse templo. Mesmo os anjos, os mais elevados, só se igualam a esse templo da alma nobre até um certo grau, mas não plenamente. Que eles se igualem a alma em certa medida, isso vale para o conhecimento e o amor. Todavia, foi-lhes posta uma destinação; para além da qual não podem ir. Mas a alma pode muito bem ultrapassá-la. Se uma alma – e, a propósito, a <alma> de um homem que ainda vivesse na temporalidade – estivesse na mesma altura que o mais elevado dos anjos, esse homem poderia, assim, sempre ainda, em sua possibilidade livre, alcançar imensuravelmente mais alto por sobre o anjo, a cada instante, de novo, sem número, isto é, sem modo e por sobre o modo dos anjos e de todo o intelecto criado. Só Deus é livre e incriado, e por isso só Ele é igual a ela [a alma nobre] segundo a liberdade, não, porém, em vista da in-criaturidade, pois ela é criada.¹²

Quando o ser humano aprende a relativizar a própria dimensão limitada e finita, descobre em si um princípio, uma “possibilidade livre”, que o eleva acima do anjo mais nobre. Com efeito, contrariamente ao anjo (ao qual foi atribuído um limite pela eternidade), o ser humano no seu templo é absolutamente livre, indeterminado e – justamente por isso – igual a Deus. A nobreza e a liberdade do templo, no entanto, não são uma prerrogativa dos místicos e tampouco uma recompensa prometida na vida ultraterrena, mas estão ao alcance de todo homem que vive “na temporalidade” que deve apreendê-las e reconhecê-las em si. Assim, a mística do Ser de Mestre Eckhart é a experiência intelectual de um ser humano que, após entender a nulidade da sua dimensão de criatura, procura um alicerce sólido ao seu ser (que não pode encontrar em nenhuma das dimensões às quais renunciou), descobrindo que é Deus o alicerce, o substrato e o ser da sua alma.

O templo, nesta época de pandemia, foi objeto de controvérsia no Brasil depois que o ministro do Supremo Tribunal Federal Kassio Nunes Marques permitiu a realização de cultos e missas presenciais em todo o

12 Idem, pp. 42-43.

país durante a pandemia, e seu colega Gilmar Mendes proibiu logo em seguida. Hélio Schwartzman escreveu na Folha de 05 de abril:

Rezar é, de todas as atividades humanas, a mais facilmente adaptável para o ‘home office’ — se Deus existe e é onipresente, como quer a tradição, ouve preces de qualquer lugar que sejam feitas. Diante de uma entidade assim tão poderosa, o papel que resta às igrejas é muito menos o de estabelecer a comunicação com o divino do que o de favorecer uma vida comunitária significativa para os fiéis. Assim, os religiosos só teriam motivo para queixa se os templos estivessem recebendo das autoridades terrenas um tratamento menos favorável que o dispensado a outros negócios que promovem contatos sociais positivos, como clubes e grêmios recreativos. Não sendo esse o caso, a liminar só cria uma exceção injustificável para templos. Nunes Marques, porém, não está sozinho. Ele e milhões de brasileiros continuam agindo como se a epidemia fosse uma fatalidade imposta por Deus e não a expressão matemática de interações sociais desprotegidas entre portadores do Sars-CoV-2 e suscetíveis. Como ainda permaneceremos meses sem vacinas nas quantidades necessárias, o único jeito de reduzir o contágio é reduzir essas interações. Enquanto os brasileiros, em especial autoridades como Marques, não entenderem isso, continuaremos colecionando milhares de mortos por dia.¹³

A mística do Ser de Mestre Eckhart nos deve provocar a devolver ao templo seu significado mais profundo e verdadeiro.

A mística do Não Ter (Abgeschiedenheit – desprendimento)

Em 1314, Eckhart foi enviado a Estrasburgo, capital da Teutônia, na qualidade de vigário geral do mestre da Ordem. Esse foi um período de atividade intensa que durou dez anos, até 1324. As obras que foram atribuídas a esse período são dois tratados em alemão¹⁴— *Das Buch der göttlichen Tröstung* (O Livro da Divina Consolação) e *Vom edlen Menschen* (Do homem nobre) — que juntos constituem o *Liber benedictus*. Há outro tratado do mesmo período, cujo título é *Von Abgeschiedenheit*¹⁵ (Do

13 SCHWARTSMAN, Hélio. O paradoxo de Bolsonaro. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 2, 05 abr. 2021.

14 Há uma tradução feita no Brasil desses tratados, assim como de alguns sermões em alemão e em latim: MESTRE ECKHART. O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1999, 4ª ed.

15 A tradução em português de alguns escritos de Eckhart, publicada pela editora Vozes, utiliza apropriadamente os termos “desprendimento, completa disponibilidade e total liberdade” para traduzir a palavra *Abgeschiedenheit*, formada por um prefixo (*ab*), pelo participio passado do verbo *scheiden* (separar, dividir, desprender) e do sufixo *heit* utilizado para a formação dos substantivos. O gênero desse substantivo é feminino

desprendimento), mas, como não é mencionado nas atas do processo contra Eckhart, sua autenticidade é discutida. A maioria dos estudiosos, no entanto, tendem a atribuí-lo ao turingio. Em suas primeiras palavras, o mestre dominicano afirma:

Eu procurei com sinceridade e com todo o empenho a mais alta e a melhor das virtudes, ou seja: a que capacite o homem a melhor e mais estreitamente unir-se a Deus e tornar-se por graça o que Deus é por natureza, e que mais o assemelhe à imagem que dele havia em Deus e na qual não havia diferença entre ele e Deus, antes que Deus produzisse as criaturas. E quando perscruto todos aqueles escritos, tanto quanto a razão me permite e é capaz de percebê-lo, outra coisa não encontro senão esta: que o puro desprendimento ou total disponibilidade tudo supera, pois de certa forma todas as virtudes visam à criatura, ao passo que o desprendimento está desvinculado de todas as criaturas.¹⁶

Nessa noção de desprendimento não é possível separar os significados de técnica mística, de indicação prático-operativa para a perfeição da vida espiritual e de exercício filosófico: o desprendimento é a atividade racional do pensamento na sua finalidade principal de conduzir à união com Deus, através de um modo diferente de se relacionar com as coisas do mundo.

Há um elo profundo entre o *Abgeschiedenheit* e o nada: “O desprendimento toca tão de perto o nada que não há o que se interponha entre o desprendimento perfeito e o nada; [...] objeto do desprendimento puro não é isto nem aquilo, Ele assenta num puro nada”.¹⁷ O nada da condição perfeitamente conforme ao desprendimento é a reprodução exata do nada divino: com efeito, o próprio Deus é desprendimento: “O ser de Deus, Deus o deve ao seu desprendimento imutável; e do desprendimento Lhe vem a pureza e a simplicidade e a imutabilidade [...]; só o desprendimento conduz o homem à pureza, e da pureza à simplicidade, e da simplicidade à imutabilidade”.¹⁸

A mística do desprendimento, além de caracterizar todo o pensamento de Mestre Eckhart, dá a possibilidade de fazer um confronto com a

16 MESTRE ECKHART. Op. Cit., p. 148.

17 Idem, p. 149 e p.154.

18 Idem, p. 151.

espiritualidade e a mística de Marguerite Porete, uma beguina¹⁹ que foi queimada viva na Place de Grève em Paris no dia 1º de junho de 1310, junto com seu livro *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas* e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor.

Segundo a mística poretiana do esvaziamento, se a alma aniquilada participa da potência divina, significa que ela tem a capacidade de conhecer a verdade separando-se das realidades contingentes, que não são apenas as coisas, mas também sua própria natureza de alma. Então, a distância entre a alma e Deus se encurta até anular-se, porque, na união com Deus, a alma torna-se Deus, como ser, verdade e amor infinito. Na mística de Marguerite, a absoluta plenitude do ser das criaturas é consequência da perda total das próprias características individuais: plenitude é, então, a plenitude do ser de Deus, limitado, do ponto de vista fenomênico, somente pelas características da criatura finita. Aparecem, assim, perfeitamente consoantes as afirmações segundo as quais as obras são um nada diante da plenitude de uma vida divina, que se torna possível por meio de uma “via aniquilada”.²⁰ Aniquilados o nome e a imagem, sinônimos de identidade individual, a alma retorna ao seu primeiro ser:

Agora essa Alma está no primeiro estado do ser que é seu estado próprio e, assim, deixou o três, e fez de dois somente um. Mas quando se tem esse uno? Esse uno se tem quando a Alma é recolocada naquela Deidade simples, que é um Ser simples de fruição transbordante, na plenitude do saber sem sentimentos, acima do pensamento. Esse Ser simples faz na Alma, por caridade, tudo o que a Alma faz, porque a vontade tornou-se simples. Essa vontade simples não tem nada a fazer nela, depois que venceu a necessidade das duas naturezas, lá onde a vontade foi trocada pelo ser simples. E essa vontade simples, que é a vontade divina, coloca a Alma no ser divino:

19 No século XII, particularmente na França, Alemanha e nos Países Baixos, havia um grande número de mulheres sozinhas, pertencentes à classe social médio-baixa, que não podiam casar-se por escassez de homens (dizimados pelas cruzadas ou por guerras locais), e que não eram aceitas pelos poucos conventos femininos existentes na época (mais interessados em acolher jovens mulheres ricas e nobres). A única alternativa para essas mulheres era viver sozinhas nas periferias das cidades, rezando e ocupando-se com trabalhos manuais ou dedicando-se ao ensino. Apesar de não apresentarem nenhum sinal de heresia, as beguinas foram condenadas pelo IV Concílio de Latrão (1215), mas logo em seguida o papa Honório III aceitou-as verbalmente, até que o papa Gregório IX (1227-1241) aprovou-as com a bula *Gloriam virginalem* em 1233. Não obstante a aprovação papal, nos anos sucessivos houve uma série ininterrupta de condenações contra as beguinas: nos sínodos de Fritzlar (1259) e Mainz (1261), no Concílio de Lion (1274), nos sínodos de Eichstätt (1282) e Béziers (1299), e, por fim, no Concílio de Vienne (1311-12), quando foram definitivamente condenadas como hereges.

20 PORETE, Marguerite. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas* e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 35.

mais alto ninguém pode ir, nem mais profundamente descer, nem mais desnudo pode estar.²¹

O sermão eckhartiano que mais reflete as posições do apofatismo poretiano é o n.º. 52 (Beati pauperes spiritu). Nele, o mestre dominicano descreve o homem verdadeiramente pobre como aquele que “nada quer, nada sabe e nada tem”.²² A ausência da vontade própria, característica da alma aniquilada, torna a pessoa livre não apenas de práticas exteriores de piedade, mas também da imagem de Deus quando Ele é entendido como princípio das criaturas: “Por isso eu peço a Deus que me esvazie de Deus; pois meu ser essencial é acima de Deus, na medida em que compreendemos Deus como origem das criaturas”.²³

Marguerite, de forma semelhante, “dispensa” a imagem de Deus na experiência do ser Uno, sem porquê, retornando à condição anterior à criação, quando não havia nenhuma determinação e a alma era nua, como o próprio Deus:

Tudo para ela é uma única coisa, sem um porquê, e ela é nada no uno. Agora ela não tem mais nada a fazer por Deus, nem Deus por ela. Por quê? Porque Ele é e ela não é. Ela não retém mais nada em si, no seu próprio nada, por isso lhe basta, ou seja, Ele é e ela não é. Portanto, ela está despojada de todas as coisas, pois ela está sem ser, lá onde estava antes de ser.²⁴

Se, na mística de Marguerite, a absoluta plenitude do ser das criaturas é consequência da perda total das próprias características individuais, das quais fazem parte as distinções de gênero, por que as mulheres ainda são proibidas de receber o ministério ordenado? Como noticiou o site da Deutsche Welle,²⁵ em janeiro, o Papa Francisco modificou o § 1 do cânon 230 do CIC (Codex iuris canonici) e autorizou a abertura dos ministérios do Leitorado e do Acolitado às mulheres, a fim de que elas possam fazer leituras, auxiliar no altar durante as missas e distribuir a eucaristia (já não faziam isso antes?). Segundo a DW, “embora o pontífice tenha estabelecido uma comissão para estudar qual era o papel das chamadas diaconisas, ou se elas já existiam nos primeiros anos do cristianismo, a questão da ordenação sacerdotal das mulheres acabou descartada”.²⁶ Com efeito, segundo os opositores do ministério ordenado feminino, isso constituiria

21 Idem, pp. 227.

22 MESTRE ECKHART. Sermões Alemães. Vol. 1, Op. cit. p. 287.

23 Idem, p. 291.

24 PORETE, Marguerite. Op. Cit., p. 225.

25 DW, Made for minds. Papa autoriza mulheres a assumir novas funções na Igreja. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-autoriza-mulheres-a-assumir-novas-fun%C3%A7%C3%B5es-na-igreja/a-56195550>. Acesso em: 10 abr. 2021.

26 Idem.

um precedente perigoso para que, no futuro, também as mulheres pudessem subir ao altar como sacerdotisas. Para a ex-editora da revista para mulheres do Vaticano Lucetta Scaraffia, as medidas anunciadas seriam “armadilha dupla” para as mulheres na Igreja: enquanto “mera formalização de uma prática já existente, a decisão também deixa claro que o diaconato é um ministério reservado para homens”.²⁷ Padre Robson, o cardeal Bertone et caterva podem dormir sonos tranquilos...

A mística do Não Ter de Eckhart deveria ensinar o desprendimento do poder e dos privilégios acumulados pelos homens religiosos em milênios de história.

A mística do Ser e do Não Ter (imagem sem imagem)

A mística de Mestre Eckhart, por um lado, segue o rastro de uma antiga tradição segundo a qual o ser humano é criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gen. 1,26) e o Filho é “imagem perfeita do Pai” (Col. 1,15). A intensidade com a qual o mestre dominicano faz referência a esse segundo aspecto, por outro lado, é reveladora da originalidade de seu pensamento: se o Filho e a geração são únicos, não é mais possível distinguir duas modalidades diferentes de ser imagem, uma plenamente realizada, própria do Filho de Deus, e a outra que indica o devir do ser humano em vista da realização escatológica. Esse é um dos aspectos nos quais o turingio, conscientemente, se distancia da tradição. No Sermão 50 (*Eratis enim aliquando tenebrae*), o dominicano escreve:

Já tenho dito muitas vezes que é da obra em Deus e do nascimento que o Pai gera seu Filho unigênito. É desse eflúvio, que floresce o Espírito Santo, de tal modo que o Espírito <eflui> de ambos, e nesse eflúvio a alma salta <como> efluxo, e a imagem da deidade é impressa na alma. Nesse efluir e refluir das três Pessoas, a alma é influída e de novo in-formada para dentro de sua primeira imagem sem imagem.

A verdadeira imagem de Deus é aquela em que desapareceram todas as outras imagens, que em si representam uma espécie de ídolo com o qual o Absoluto pode ser confundido. Por isso, a mística da imagem do mestre dominicano pode ser comparada à maestria do escultor que, como ele mesmo escreve no tratado *Do homem nobre*, apara as lascas que ocultam e encobrem aquela que é a verdadeira imagem:

Quando um mestre faz uma imagem de madeira ou de pedra, ele não introduz a imagem na madeira; o que ele faz é aparar as lascas que

27 Idem.

ocultavam e encobriam a imagem; não dá coisa alguma à madeira, mas lhe tira e escava a cobertura e afasta a ferrugem, fazendo aparecer o brilho do que jazia oculto debaixo dela.

Na mística eckhartiana, o ser humano é uma imagem especular de Deus, um verdadeiro espelho através do qual Ele se torna visível. Na imagem refletida, a unidade com o modelo tem precedência sobre a distinção. O olho de Deus e o olho do homem são a mesma realidade, como afirma no Sermão 12: “O olho com que eu vejo Deus, é o mesmo olho com que Deus me vê; meu olho e o olho de Deus são um olho, um ver, um conhecer e um amar”.²⁸

O ser humano é *aspectum* de Deus e Deus é *respectum* do ser humano: os dois formam uma única realidade, da mesma forma em que o modelo e a imagem são *unum*, e não há intermediação que os separe, nem tempo, nem espaço, nem vontade, nem qualquer outra potência. Consequentemente, para o ser humano realizar sua vocação profunda de ser *unum* com Deus, tem que fazer retorno para Ele. O nascimento eterno e o nascimento no tempo fazem parte de um duplo movimento em que a imagem revela uma *dúplice* possibilidade de interpretação, passiva e ativa: a primeira considera o ser humano quando é gerado por Deus “à sua imagem”, comunicando-lhe sua essência; a segunda contempla o ser humano na sua dimensão de criador que, “no mesmo instante em que recebe a si mesmo, gera a si mesmo e não só isso, mas também a Deus e a criatura”.²⁹

Há alguém que possa decidir qual ser humano é uma imagem especular de Deus e qual não é, quem pode ser abençoado e quem não pode? Parece que sim. A Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano, no dia 15 de março, decretou que “não é lícito conceder uma bênção a relações, ou mesmo a parcerias estáveis, que implicam uma prática sexual fora do matrimônio”. A reportagem de Christopher White, cuja tradução foi publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 16 de março de 2021, cita Natalia Imperatori-Lee, professora de estudos religiosos do Manhattan College, que se especializou em sexualidade e teologia, segundo a qual Francisco “fez muito para nos afastar da linguagem ‘inerentemente desordenada’ que a teologia católica tradicionalmente usa para descrever pessoas homossexuais”. Mas o novo decreto equipara o casamento entre pessoas do mesmo sexo ao pecado, disse ela. “Isso vai contra a ideia de que as pessoas LGBTQ são feitas à imagem de Deus”. De acordo com o professor de teologia da Fordham University Patrick Hornbeck (citado na

28 MESTRE ECKHART. Sermões Alemães. Vol. 1, Op. cit. p. 105.

29 Idem, p. 160.

reportagem), “no contexto de todas as coisas que o papa parece ter feito em nome e com as pessoas LGBTQ, é difícil não considerar isso uma condenação desnecessária de relacionamentos que muitas pessoas consideram profundamente doadores de vida”.

Deveras, a mística da imagem de Mestre Eckhart deve nos trazer de volta à antiga tradição e aos ensinamentos da Sagrada Escritura.

Conclusão

Esta abordagem da mística de Mestre Eckhart, ao passar pelo crivo de alguns dos seus escritos, tentou dar conta de uma temática complexa e debatida, conforme o juízo que Etienne Gilson dá a esse respeito:

o pensamento de Eckhart não é simples, e é fácil explicar o embaraço de historiadores que querem encerrá-lo numa fórmula ou mesmo designá-lo por determinado nome. Alguns veem nele, antes de mais nada, uma mística, outros uma dialética platônica e plotiniana – e, provavelmente, todos têm razão. Mística e dialética estão longe de se excluírem. Talvez não se estivesse muito distante da verdade representando Eckhart como uma alma devorada pelo amor a Deus, favorecida talvez por um sentimento intenso da presença divina e pedindo à dialética todas as justificações que ela era capaz de lhe dar³⁰.

Seria muita pretensão afirmar que esta abordagem da mística de Mestre Eckhart esgota toda possibilidade de interpretação. No entanto, ela pode ser útil para ensejar uma nova possibilidade de um discurso sobre Deus hoje, mesmo quando toda teo-logia parece ter esgotado seus argumentos teóricos para convencer o ser humano do século XXI da existência do Deus absconditus, e as religiões são sentenciadas de morte por uma parte considerável do pensamento científico (e que, mesmo assim, continuam digladiando-se nas arenas confessionais e teológicas para impor a própria imagem de Deus). Esse Deus, porém, conforme a mística de Mestre Eckhart, se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios, e o ser humano se torna um ser aberto ao infinito na medida em que acolhe essa ausência, reconhecendo que não há um único caminho que conduza ao seu conhecimento, como também que é Ele mesmo a fornecer as coordenadas desse mesmo caminho. Seu ponto de chegada, segundo o turingio, é o silêncio, única forma de expressão possível para quem conhece a Deus como desconhecido e não cognoscível. Na esteira do mestre dominicano Anthony de Mello, um jesuíta indiano autor de inúmeras obras traduzidas no mundo inteiro (repletas de elementos oriundos

30 GILSON, Etienne. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 870-871

da espiritualidade cristã, islâmica, budista e taoísta entre outras), escreveu:

Vocês estão cercados por Deus e não O veem, porque vocês ‘sabem’ a respeito de Deus. A última barreira que impede a visão de Deus é o conceito que vocês têm de Deus. Vocês deixam escapar Deus porque vocês acham que sabem. Este é o aspecto terrível da religião. Isto é o que falavam os Evangelhos: os religiosos ‘sabiam’ e por isso se libertaram de Jesus. O maior conhecimento de Deus é conhecê-lo como o incognoscível. Hoje se fala demasiadamente sobre Deus: o mundo não aguenta mais. Há pouca consciência, pouco amor, pouca felicidade, mas nem utilizamos mais essas palavras. Há pouco abandono das ilusões, dos erros, dos desafetos e das crueldades, demasiadamente pouca consciência. O mundo sofre por causa disso, não por falta de religião.³¹

Ponto de chegada dessa abordagem da mística de Mestre Eckhart é a descoberta do fim derradeiro do ser humano em busca do Absoluto: a união da alma com Deus, o ápice do conhecimento que é um tornar-se a mesma “imagem sem imagem”, simbolizada pelo turingio no Sermão 80 com a metáfora da gota no mar bravo:

Por isso, diz um profeta que, em face de Deus, todas as coisas são tão pequenas como uma gota de água diante do mar bravo (Sb 11,23). Se derramásemos uma gota no mar, a gota se transformaria no mar e não o mar na gota. Assim acontece também à alma: quando Deus a atrai para si, ela é transformada em Deus, de modo que a alma se torna divina, e não que Deus se transforma na alma. Então, a alma perde seu nome e sua força, mas não sua vontade e seu ser³².

No fundo da dissimilitudo infinita, onde ser e o nada convergem como em um abismo insondável, entre o fundo da alma e o fundo de Deus não há mais distinção: “aqui o fundo de Deus é meu fundo, e meu fundo é o fundo de Deus” (Sermão 5b).³³ Precisamos redescobrir isso, calar mais sobre Deus, voltar ao Evangelho: o que significa ser cristão hoje no Brasil e no mundo?

Karl Rahner (1904-1984), um teólogo católico alemão dos mais influentes no Concílio Vaticano II e do século XX, em 1965 publicou o livro *O Cristão do Futuro*, no qual fez uma série de reflexões sobre o resultado do concílio e suas expectativas para a Igreja e para os cristãos do futuro. Uma de suas frases mais conhecidas é aquela que diz que “o cristão do

31 DE MELLO, Anthony. *Messaggio per un’aquila che si crede un pollo*. Casale Monferrato (AI): ed. Piemme, 1995 (Título original: *Awakeness*), p. 113-114. Tradução nossa.

32 MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães*. Vol. II. Sermões 61 a 105. São Francisco/Vozes: Bragança Paulista/Petrópolis: 2008, p. 106.

33 MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães*. Vol. I, Op. cit. p. 67.

futuro, ou será místico ou não será cristão”. Esta frase foi retomada no filme *Bonhoeffer*, de Eric Till (2010), que retrata a vida do teólogo luterano alemão protagonista da resistência ao nazismo, que foi enforcado no campo de concentração de Flossenbürg na alvorada do dia 09 de abril de 1945, poucos dias antes do fim da Segunda Guerra Mundial:

Eu me perguntei qual o significado de Cristo no futuro ... Precisaremos de uma nova forma de Cristianismo, numa época em que o mundo mudou ... Acredito que a religião tem apenas um propósito no mundo moderno: ensinar as pessoas a compartilhar o sofrimento dos outros e de Deus em um mundo sem Deus. Uma religião que é apenas formal não é mais suficiente, precisamos da fé com Jesus Cristo no centro. O verdadeiro cristianismo significa compartilhar a dor dos outros. Não cabe a nós profetizar o dia em que os homens irão pedir a Deus mais uma vez para mudar o mundo e renová-lo, mas quando esse dia chegar, haverá uma nova linguagem, talvez até não muito religiosa, que expressará essa redenção e libertação contida na mensagem de Jesus. As pessoas serão atingidas pelo seu poder. Será a linguagem de uma nova verdade que proclamará a paz entre Deus e os homens.³⁴

Quiçá a mística do Ser e do Não Ter de Mestre Eckhart nos ensine esta nova linguagem.

34 BONHOEFFER, Dietrich. Il cristiano del futuro sarà un mistico (dal film "Bonhoeffer" di Eric Till). Disponível em: <https://www.preg.audio/p/5996f14e0206868240ae7caa>. Acesso em: 10 abri. 2021. Tradução nossa.

REFERÊNCIAS

DE MELLO, Anthony. *Messaggio per un'aquila che si crede un pollo*. Casale Monferrato (AI): ed. Piemme, 1995 (Título original: *Awakeness*).

GILSON, Etienne. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEISTER ECKHART. *Werke II - Predigten und Traktaten*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008.

MESTRE ECKHART. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1999, 4ª ed.

MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães. Vol. I. Sermões 1 a 60*. Bragança Paulista/Petrópolis: Ed. São Francisco - Vozes, 2006.

MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães. Vol. II. Sermões 61 a 105*. Bragança Paulista/Petrópolis: Ed. São Francisco - Vozes, 2008.

PORETE, Marguerite. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Petrópolis: Vozes, 2008.

RUH, Kurt. *Meister Eckhart. Teólogo, Predicatore, Místico*. Brescia: Morcelliana, 2ª ed., 1989.

TAULER, Johannes. *Predigten. Band I. Einsiedeln-Trier*: Johannes Verlag, 1987.

Este artigo foi escrito a partir das contribuições do autor no encontro [online] intitulado **A mística do Ser e do Não Ter em Mestre Eckhart**, realizado no dia 10 de abril de 2021. A atividade promovida pelo **Centro de Promoção de Agentes de Transformação - CEPAT**, contou com a parceria e o apoio do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, as **Comunidades de Vida Cristã – CVX, Regional Sul**, o **Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB**, a **Iniciativa das Religiões Unidas – URI** e o **Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida – OLMA**. O vídeo da conferência de Matteo Raschiotti e a cobertura do evento podem ser acessados através da matéria “**Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios**”, publicada em 13 de abril de 2021 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Link de acesso: <http://www.ihu.unisinos.br/160-noticias/cepat/608279-mestre-eckhart-deus-se-faz-presente-enquanto-ausencia-de-imagens-e-de-privilegios>



Matteo Raschetti. Italiano de Vicenza, no Brasil desde 1991, professor de História da Filosofia Medieval na Universidade Federal do ABC - UFABC. Possui bacharelado em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (1994), graduação (bacharelado e licenciatura) em Filosofia pela Universidade de Campinas (2002), mestrado e doutorado em Filosofia pela mesma Universidade (2004 e 2008). Tem experiência na área do Ensino de Filosofia (graduação e pós-graduação), com ênfase em Filosofia Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: Alberto Magno, Meister Eckhart, teoria do conhecimento, filosofia da imagem, metafísica, ética. Publicou o livro *Mestre Eckhart. Um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*, pela Paulus (2013), a tradução do *De diligendo deo*, de São Bernardo (Vozes, 2010) e do *Tratado sobre a Prudência*, de Alberto Magno (Paulus, 2017), bem como inúmeros artigos em revistas especializadas sobre esses temas.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucida Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljénitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasseman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsionarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scalo
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da segurança social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavirus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver*– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica*– Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular*– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Artigo, o canário da mina para o aquecimento global* - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* - Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* - Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdade-des sociais nas percepções de Martin-Baró, Ricoeur e Nietzsche* - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 *Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica* - Faustino Teixeira
- N. 312 *O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio* - Paulo Abe
- N. 313 *Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro* - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 *Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas* - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 *Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura* - Alexandre Alves
- N. 316 *"Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno* - Nicole Soares Pinto
- N.317 *A chacinagem dos chiquitanos* - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa



UNISINOS